

## **Monitor Mercantil Digital – 04/08/2011**

### **Coluna Primeira Linha - Sérgio Barreto Motta**

#### **Para EPE, hidrelétrica pode ajudar ambiente**

<http://www.monitormercantil.com.br/mostranoticia.php?id=98838>

O presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, afirmou, no Energy Summit, realizado no Rio, que, além de serem a forma mais barata de geração de energia, as hidrelétricas podem ajudar o ambiente. "Uma usina traz benefícios para a nação e o planeta, por não gerar gás carbônico; em áreas degradadas, pode gerar novos estímulos, com programas de incentivo à produção agrícola", disse, acentuando que, em muitos casos, as prefeituras têm negociado a instalação de escolas e projetos de replantio de florestas em áreas próximas. Alguns participantes do evento disseram que, com lagos cada vez menores, as hidrelétricas se tornam menos eficientes, mas Tolmasquim ponderou não se pode mais sair construindo barragens e que as novas usinas, com menores reservatórios, resultam de negociações com dirigentes ambientais.

- Passo grande parte de meu dia de trabalho negociando questões ambientais - admitiu o representante governamental.

O Brasil é um dos países que mais gera energia com fonte limpa e só usou 1/3 da capacidade hídrica total. Previu que, dos 2/3 restantes, talvez só se consiga levar adiante uns 60%, diante da reação de ambientalistas. Citou que a energia eólica está crescendo e que a capacidade, antes prevista em 143 mil megawatts, pode duplicar. Afirmou que, há três anos, o país tinha só uma empresa fornecedora de equipamentos para usinas movidas a vento e hoje são quatro empresas, com possibilidade de instalação de outras quatro, a curto prazo. Em seguida, manifestou confiança no potencial energético:

- O Brasil será um dos poucos países exportadores de petróleo que, ao mesmo tempo, poderá se gabar de ter em sua matriz preponderância de uma fonte limpa, como a hídrica.

Sobre etanol, comentou que há grandes perspectivas para o mercado interno, mas muitas dificuldades para o externo, pois, nos países desenvolvidos, espalhou-se a mentira de que a cana-de-açúcar é cultivada na floresta amazônica. Destacou Tolmasquim que o Brasil pode deixar intactos os 80 milhões de hectares destinados ao plantio de alimentos. Hoje, há 120 milhões de hectares para pecuária e, mesmo sem confinamento para o gado, bastaria se ampliar em 30% o número de bovinos por hectare, que restarão 70 milhões de hectares livres para plantio extra de cana, sem por abaixo uma árvore.

#### **Dúvidas do gás**

Após um participante citar que os Estados Unidos estão prevendo produção recorde de gás nas próximas décadas - com possível queda no preço internacional - Maurício Tolmasquim admitiu haver dúvidas quanto ao preço do gás. No caso do pré-sal, devido à distância de 300km da costa e 5 mil metros de profundidade para exploração, há possibilidade de não se retirar reservas isoladas de gás. No caso de gás que vem à tona associado a petróleo, parte poderá ser reinjetada. Quanto à queima, é a pior hipótese. Lembrou que a Petrobras tem planos de liquefazer - condensar - o gás em alto mar, mas isso, obviamente, tem um custo que não é

baixo. Caso os preços do gás não justifiquem plenamente a exploração econômica no pré-sal, uma das soluções é embutir parte do custo do gás no preço do petróleo, uma commodity sempre valorizada pelo mercado. Foi comentado, nos corredores do Energy Summit, protesto do **Instituto Acende Brasil** em relação à Petrobras. Nota oficial da entidade, assinada por **Cláudio Sales**, acusa a estatal de ter colocado uma usina de sua propriedade - a termelétrica Baixada Fluminense, ainda em construção - em condições privilegiadas no leilão de energia a ser realizado dia 17. A nota diz que a estatal exerce monopólio na venda de gás e sua conduta poderia causar a anulação do leilão de energia.

### **Críticas**

O governo estava sendo chamado de inerte. Mas quando começou a agir, passou a receber novo tipo de críticas, como a do presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), Carlo Lovatelli. Diz que só a soja renderá este ano US\$ 22,8 bilhões, mas pode ser afetada por nova tributação de IOF sobre operações de cobertura de risco cambial. A alíquota, de 1%, poderá chegar a 25%.

- A medida do governo tomada para inibir a especulação contra o real é louvável, porém, não pode ser aplicada a operações legítimas de comércio exterior, diz Lovatelli.

### **Super proteção**

Durante séculos, as fronteiras do Brasil foram um queijo suíço. Mas, agora, há projetos até em demasia. O Exército monta o Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (Sisfron), enquanto o Ministério da Justiça parte com seu Enafron - Estratégia Nacional de Segurança Pública nas Fronteiras. E, para confundir mais a questão, o Governo de Mato Grosso - que mal consegue atender à demanda de saúde e educação - também se lança no setor. Vai comprar, da empresa russa Gorizont, dez conjuntos de monitoramento móvel autônomo, a serem usados pelo Grupo Especial de Fronteira de Mato Grosso (Gefron). Informa-se que apenas Rússia, Alemanha, Israel e Estados Unidos conhecem o sistema, o que colocará Mato Grosso ao lado de quatro países de alta sofisticação tecnológica. O sistema inclui radar, dispositivos de visualização diurna e noturna por infravermelho e comunicação por satélite. Os sensores possibilitam captação de variações de milésimos de grau centígrado no ambiente, ou seja, pode-se descobrir uma pessoa até mesmo pela respiração. O sistema será usado na fronteira do Brasil com a Bolívia, instalado sobre veículos Land Rover com tração nas quatro rodas, permitindo rastreamento ao longo dos 180km em que a fronteira Brasil-Bolívia se inclui no território de Mato Grosso. Por fim, informa-se que o método está sendo usado em fronteiras da China, Grécia, Ucrânia, Índia e Vietnã. Será que um estado está à frente dos esforços federais?

### **Submarinos nucleares**

O Brasil está construindo cinco submarinos, em Itaguaí (RJ), com tecnologia francesa. Quatro serão convencionais e o último, a ser finalizado em 2024, terá propulsão nuclear. A construção do estaleiro e produção dos submarinos está a cargo da francesa DCNS, que escolheu, como parceira brasileira, sem concorrência, a Odebrecht. Mas os argentinos não querem ficar atrás. O ministro da Defesa de lá, Arturo Puricelli, admitiu que a presidente Cristina Kirchner lhe pediu um projeto para desenvolvimento da propulsão nuclear para submarinos. "Estamos trabalhando silenciosamente", afirmou o ministro, acrescentando que está sendo

recuperada fábrica de aviões localizada em Córdoba e que se prevêem avanços nas áreas espacial e nuclear. A empresa Invap está desenvolvendo radares secundários e primários para monitoramento do espaço aéreo.